



BIBLIOTECAS  
DE LISBOA

**REVISTA SCIENTIFICA E LITTERARIA**<sup>1</sup> (Coimbra, 1880-1881) – Publicação académica que apresenta textos influenciados pelo *positivismo*, incluindo a *poesia científica*; foi fundada e **dirigida por António Feijó**<sup>2</sup> e **Luiz de Magalhães**<sup>3</sup>, dois jovens estudantes da Universidade de Coimbra. Com “Redacção e Administração” na Rua da Trindade n.º 44, lê-se no seu primeiro exemplar, passa depois para o n.º 36 da mesma rua, em Coimbra.

A coleção completa da revista, de periodicidade mensal, é constituída por três números impressos entre dezembro de 1880 e fevereiro de 1881, na *Imprensa Académica*, em Coimbra, com o preço avulso de “100 réis”.

**A revista coimbrã foi publicitada simpaticamente** por *O Occidente*, periódico lisbonense e contemporâneo conhecido do grande público, na secção “Publicações”: “Fundada por alguns dos mais notáveis talentos académicos, que frequentam a Universidade de Coimbra, **tem por fim tornar publica uma certa actividade mental que lhes pareceu desaproveitada e estéril pela falta de campo proprio onde se trabalhasse livremente**. Estas palavras da introdução dizem-nos os seus intuítos, com que sympathizamos, esperando que o **novo órgão científico e litterario** tenha mais longa vida, que outros seus antepassados de intuítos semelhantes.”<sup>4</sup>

**A imprensa católica também publicitou a revista, mas antagonicamente**, no jornal *Progresso Catholico* (Guimarães, 1878-1925) em “O Ensino Atheu e o Governo Portuguez” (novembro de 1880), artigo de *Senna de Freitas*. Logo, **Carlos Lobo d’Avila** (1860-1895), um lisboeta a estudar na Universidade de Coimbra, responde na revista com “**A Theologia Recalcitrante: a propósito do padre Senna Freitas**” em defesa do visado **Dr. Garcia**, lente de Direito na Universidade de Coimbra e divulgador do *positivismo* e do método experimental, iniciando o texto com a citação parcial: “**Vai publicar-se uma Revista Scientifica e Litteraria redigida pelos srs... Há de sair fresca. A**

<sup>1</sup> Disponível na Hemeroteca Digital, em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/RevistaScientificaeLitteraria/RevistaScientificaeLitteraria.htm>.

<sup>2</sup> António (Joaquim de Castro) Feijó (1859-1917); ainda académico em Coimbra, torna-se publicista e “poeta, embora verdadeiramente parnasiano, foi influenciado pelo Romantismo (Obsessão da Morte) e pelo Simbolismo. Outras temáticas: Oriente e Saudade.” V. SANTOS, Alfredo Ribeiro dos – “O Parnasianismo no Porto (nota 2)”. In *História Literária do Porto, através das suas publicações periódicas*. Porto: Edições Afrontamento, 2009, p. 118.

<sup>3</sup> Luiz (Cipriano Coelho) de Magalhães (1859-1935); foi poeta, romancista e publicista, enquanto universitário em Coimbra; participou no “novo grupo *parnasiano* do qual fizeram parte, entre outros, Silva Gaio e António Feijó. Com este último fundou a *Revista Científica e literária, 1880-1881*, nela publicando alguns dos seus ensaios de crítica literária mais importantes que constituem uma linha programática de orientação estética, social e filosófica. É altamente crítico de algumas facetas do romantismo.” V. “Magalhães, Luís Cipriano Coelho de” – In *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*. Vol. II, Mem Martins: Publicações Europa-América, 1990, p. 425.

<sup>4</sup> V. “Publicações” – In *O Occidente: revista ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, [1877] - 1915. Lisboa: *Empresa do Occidente*, ano 4º, n.º 76 (1 fevereiro 1881), p. 32. Ou em: [http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/1881/N76/N76\\_item1/P8.html](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/1881/N76/N76_item1/P8.html).

**ORDEM, jornal religioso**” (n.º 1, pp. 23-26). Sabemos por C. L. d’A., que assina a nota “**Á Ordem**”, na contracapa interior do segundo número da revista, que a polémica saltara para o jornal *Correspondência de Coimbra* (1872-1910), também impresso em Coimbra, pela Imprensa Académica. Por fim, **Carlos Lobo d’Avila** continua a polémica na revista, com o ensaio “**O Catholicismo e a sciencia**” o qual não fica concluído, pois inclui a palavra “continúa” entre parenteses (n.º 3, pp. 86-91).

Perguntamos: Será que a polémica em questão, ajudou a ditar o fim da revista? Julgamos que a polémica surgiu porque o Dr. **Emygdio** (Emidio) **Garcia** (1838-1904) é anunciado como colaborador de uma nova revista, que vinha perturbar ainda mais o único meio universitário português. Mais, as ideias positivistas do Dr. Garcia já eram conhecidas na imprensa católica, por ser autor de um livro, do qual publica-se uma parte na revista, intitulada “**A Instrução Secundária em Portugal I**” acompanhada da nota: “Excerpto de um livro escripto em 1877” onde critica, principalmente, o programa do “cathecismo religioso” na “instrucção primaria” ministrada em Portugal (n.º1, pp. 4-7).

## ENQUADRAMENTO E PROGRAMA EDITORIAL

**Assinada por “A Redacção**”, a “**Introdução**” abre o periódico, com palavras de Oliveira Martins (*Historia da Civilização Iberica*, 1879), como se fossem um *mote*:

«Nesta zona assentam cidades das mais nobres  
na historia da moderna Hespanha: ... e afinal  
Coimbra, o centro da vida intellectual portugueza.»

Na introdução [positivista] enquadra-se a época, e lemos que “**a sociedade portugueza tem gradualmente decahido**, nestes últimos tres seculos, do apogeu de uma das mais brilhantes hegemonias da historia até á estagnação absoluta dos sentimentos sociaes, que caracteriza a nossa época”; e pergunta-se: “**Renascemos? Extinguir-nos-hemos** [...]”? Eis o problema fatal que é preciso resolver.”

De acordo com a redacção da revista, “**compete aos novos, à mocidade**” uma “**profunda renovação mental**” que passava por “desbestializar o povo cretinizado por uma política exploradora e por uma cathechese religiosa, grosseiramente material e fetichista”, através de um “movimento que é preciso, que é indispensável suscitar ao nosso paiz.” E essa mocidade é a académica, da “**única Universidade do paiz, Coimbra**<sup>5</sup> (que) **é, mais ou menos, a mãe espiritual das gerações portuguezas. Aqui se reúne a elite da nossa mocidade**” [...]. Depois mencionam-se movimentos, personalidades e publicações, frutos das “renovações literárias” que partiram de Coimbra e da

---

<sup>5</sup> A Universidade de Coimbra, então, era a única instituição de *ensino superior* em Portugal. Realidade, desde a data da transferência de Lisboa em 1537, exceto entre 1559 e 1759 (reforma pombalina universitária), quando coexistiu com a Universidade de Évora. V. “Universidade” – In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Vol. 33, Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, 1978, p. 451.

**academia** boémia, conhecida por **cavaco coimbrão**, pelo “entusiasmo do trabalho e o valor de convicções de uma pequena, mas vigorosa parte da nossa mocidade”, que **pretende “erguer a pátria do abatimento em que o regímen d’um monarchismo jesuitico a prostrou**, sob uma influencia de mais de três seculos [...]”.

No fim do texto da introdução, apresenta-se o *programa editorial*: **“Os redactores d’esta Revista (propõem-se) alargar indefinidamente o âmbito dos assumptos, abrir um campo de publicação não só ás manifestações da Arte, mas também ás da Sciencia, eis o espirito da nossa Revista – cujas ambições não são tão vaidosas que a façam aspirar á regeneração do paiz, nem tão modestas que ella se não proponha a ser o órgão de todas as manifestações mentaes da presente geração academica”** (n.º 1, pp. 1-3).

O mesmo *editorial* repete-se num pequeno texto, publicado nas contracapas posteriores, **“Expediente da Redacção”**: **“Como órgão do trabalho mental da presente geração académica, a Revista abre as portas a todos os que, nas condições do seu programma, lhe queiram honrar as paginas com a sua colaboração.”**

Em nossa opinião, a continuação do texto não deve ter cativado novos colaboradores por ser, no mínimo, censório: **“Previne-se comtudo que a Redacção reserva-se do direito de modificar os manuscriptos que lhe sejam enviados, todas as vezes que o julgue indispensável./ Além disso, exige-se para a publicação que o artigo venha assignado pelo seu auctor, ainda que não se lhe publique o nome”** (n.º 1 - n.º 3).

## COLABORADORES E CONTEÚDOS

Contabilizámos o total de dezassete colaboradores efetivos, não contando com dois dos anunciados nas capas e que nada publicaram na revista, talvez pela sua existência efémera ou porque participaram de outra forma (Dr. Corrêa Barata e Aristides da Motta).

Dos colaboradores literários, oito só publicaram poesia: **Leopoldo Mourão** (1862-1938); **Luíz Osorio** (1860-1900); **José Botelho Riley** (1858-1923); **A. Henriques da Silva** (1850-1906); **A. (Alfredo, conde de) Paçô-Vieira** (1860-1926); e **Eduardo d’Araujo**.

De referir o poeta coimbrão **Manuel da Silva Gayo** (Gaio)<sup>6</sup>, autor de dois sonetos, **“Os Astros (Schubert)”** e **“Savonarola”** (n.º 1, p. 17; n.º 3, p. 85); e o poeta-diretor **António Feijó**, colaborador com poemas influenciados pelo *ultrarromantismo*: **“Versos sem Arte”** (n.º 1, pp. 26-28); **“Esphyngue Eterna”** (n.º 2, pp. 50-55); **“Sunt Lacrymae Rerum”** e **“Duas Quadras”** (n.º 3, pp. 70-71, p. 86).

---

<sup>6</sup> Manuel da Silva Gayo (Gaio) (1860-1934). Publicista e poeta notável. Começou pelo *parnasianismo* e foi cultor do *positivismo* na década de 80. “Gaio na sua obra tentou a ressurreição das formas quinhentistas e através das lendas, tradições, sentimentos de alma portuguesa, evocação de personagens e episódios da história pátria, buscou uma estética castiçamente portuguesa.” V. “Gaio (Manuel da Silva) – *Op. Cit.* Vol. 12, p. 31-32.

Não podemos deixar de destacar **Luiz de Magalhães**, o outro diretor, por ser o mais assíduo colaborador literário e prosador da revista, dando à estampa: o ensaio “**O Romance Realista e a Esthetica Positiva**” (n.º 3, pp. 81-85); o conto positivista e quase feminista, “**Os Pós d’Arroz – Historia de uma iniciação/ A Alberto Braga**” (n.º 1 - n.º 3); além de três críticas literárias na secção “**Bibliographia**”, último espaço da revista, sobre os livros: *O Mandarin* (1880) de Eça de Queiroz (n.º 1, pp. 31-32), *Sonetos* (1881) de *Anthero do* (de) *Quental* (n.º 2, pp.62-64), e *Portugal Contemporaneo* (1881) do autor J. P. Oliveira Martins, com que fecha a publicação (n.º 3, pp. 95-96).

A propósito, o advogado e político **João Pinto** (1856-1946) faz crítica literária ao livro *Primeiros Versos* (1880) do (também) poeta Luiz de Magalhães, referindo que os “**estudos philosophicos, a que Luiz de Magalhães de preferência se dedica, têm levado o seu espírito à cultura, principalmente da poesia scientifica**”, na secção “**Bibliographia**” da revista (n.º 1, p. 29).

Encontramos também colaboradores mistos em literatura e ciência, como: **A. Rodrigues Braga**, que publica “**Deducção da Lei dos Isomeros da Serie**” (n.º 2, pp. 33-40), além da *poesia científica* “**Entre Sombras (Excerpto)**” (n.º 3, pp. 79-81); e o professor de matemática **Luiz Woodhouse** (1858-1927) que publica “**Chronologia Paleontologica (Traços geraes)**” (n.º 1, pp. 17-21), e “**Astronomia (Hypothese Cosmogonica)**” (n.º 2, pp. 46-49), além de fazer crítica literária ao livro *Elementos de Anthropologia* (2.ª edição, 1881) de J. P. Oliveira Martins na secção “**Bibliographia**” (n.º 3, pp. 93-94).

Os colaboradores científicos são poucos, mas os seus artigos retratam o espírito do *positivismo* que propunham divulgar através da revista, e aplicar nas aulas da Universidade de Coimbra, entre eles: **Pedro de Mascarenhas Gaivão** (1863-1936), político não conservador, escreve “**A Russia e os Nihilistas**” (n.º 2, pp. 42-44); o médico **Augusto Rocha** (1849-1901) [pseudónimo futuro: Miguel Torga) com “**Duas palavras de Philosophia**” (n.º 2, pp. 55-59); e **António Pinto de Mesquita** (1860-?) que expõe a “**Necessidade do Estudo Scientifico da Função Commercial**” (n.º 3, pp. 65-69).

## ESTRUTURA GRÁFICA E ANUNCIANTES

A *ficha técnica* da publicação mantém-se nas três capas, mudando apenas a numeração e a datação de cada exemplar. A revista, medindo 23 cm de altura e não ilustrada, é impressa em papel de cor sépia e em texto corrido, exceto os poemas. As suas capas e contracapas são coloridas, apresentando-se os dois primeiros exemplares em cor ocre e o terceiro em cor roxa.

Os três números têm paginação contínua, totalizando 96 páginas, sem contar as capas e contracapas. Cada exemplar inclui o “**Summário**” nas primeiras contracapas interiores, mas não menciona as páginas correspondentes aos títulos e seus autores.

Sem fim anunciado, deduzimos que se previa a continuação da revista, pois no primeiro e no último *anúncio* do “**Expediente da Administração**”, na

contracapa posterior, **promete-se** que a “*Revista Científica e Litteraria* sairá regularmente uma vez cada mez e será publicada ás séries de 6 numeros [...]”, (n.º 1, n.º 3). Infelizmente, não se formou uma única série.

A contracapa exterior de cada número da revista é reservada a anunciantes, os quais deduzimos que foram publicitados gratuitamente, pelo conteúdo dos mesmos. Um deles é repetido nas três contracapas, sobre o livro **Os Primeiros Versos de Luiz de Magalhães** que informa ser impresso em “papel de luxo, na Livraria Portuguesa. À venda nas principais livrarias de *Lisboa, Porto e Coimbra*”, com o preço de “500 réis”. Outro é sobre a **Revista Científica e Litterária**, seguida de um *subtítulo* quase redundante, *Publicação mensal de Litteratura e Sciencia*; repete informações, entre outras, e publica-se nas duas primeiras contracapas exteriores.

No último exemplar da revista, encontramos mais dois anúncios de livros de “**versos recitados no saráu literário do theatro Academico por ocasião dos festejos camoneanos**”: **Sacerdos Magnus** de António Feijó, “À venda na Livraria Pires” com o preço de “200 réis”; e **As Navegações de Luiz de Magalhães**, ainda “no prelo”.

## CONTEXTO SOCIAL

A revista nasceu e morreu durante o reinado de D. Luís I, e a presidência do Conselho de Ministros de **Anselmo José Braamcamp** (1819-1885), à frente de um gabinete com membros do *Partido progressista*.

Concluimos, deduzindo que na Universidade de Coimbra estudava a **futura elite portuguesa, muito influenciada pelo positivismo**, movimento filosófico teorizado pelo francês Auguste Comte (1798-1857) no início do século XIX.

Acrescentamos que, **de acordo com o historiador José Mattoso, o positivismo “em 1880 servia para designar muitas coisas diferentes**, (mas) uma atitude comum, então a popularizar-se na Europa: a ideia de que das técnicas de observação da física do século XVII se poderia deduzir um método que permitisse a reorganização da sociedade segundo princípios que, uma vez provados pelos cientistas, fossem declarados indiscutíveis. O mesmo se deveria aplicar à Arte. **Organizada pela ciência, a arte deixaria de ser um mero objecto de exercícios curiosos, para passar a ser um poderoso instrumento de observação da vida moderna e reorganização social.”**<sup>7</sup>

Por Helena Roldão

Lisboa, Hemeroteca Municipal de Lisboa, 11 de fevereiro de 2015.

---

<sup>7</sup> V. “O Fim do Século: A *Intelligentsia* Portuguesa” – In MATTOSO, José (dir). *História de Portugal*. Vol. 6, Lisboa: Círculo de Leitores, 1994, p. 57.

## **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

*Dicionário Cronológico de Autores Portugueses* / Instituto Português do Livro e da Leitura (Org.). Mem Martins: Publicações Europa- América, 1990.

SANTOS, Alfredo Ribeiro dos – *História Literária do Porto, através das suas publicações periódicas*. Porto: Edições Afrontamento, 2009.

*O Occidente: revista ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, [1877] -1915. Lisboa: Empreza do Occidente.

*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, 1978.

MATTOSO, José – *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994.